

Meu filho não merece sofrer: o narcisismo parental na contemporaneidade

Danilo Peres Bemgochea Junior, Marcos Pippi de Medeiros

RESUMO

Sabe-se que a relação entre pais e filhos é narcísica e tem, na contemporaneidade, um papel não apenas naquilo que o narcisismo é constitutivo do sujeito, mas também como sintoma do laço entre pais e filhos, o que usamos chamar de narcisismo parental. Analisar o narcisismo parental na contemporaneidade é o principal objetivo deste artigo. Para isso, foram utilizados os preceitos de uma pesquisa psicanalítica de cunho bibliográfico. A partir das reflexões contidas no presente escrito, concluímos que, atualmente, o culto à infância vem adquirindo características extremas. A promessa de um gozo pleno, cada vez mais, faz parte do discurso social vigente, no qual as crianças surgem como a esperança de concretizar tal demanda, a despeito do laço social demarcado pela lei simbólica. Crianças que recebem estímulos em excesso, desde muito novas, com a expectativa que possam alcançar tal ideal cultivado socialmente à modelo de nosso próprio narcisismo.

Palavras-chave: Infância, narcisismo, psicanálise

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a relação parental é narcísica e faz parte da constituição dos sujeitos, ou seja, desempenha um papel fundamental na existência dos mesmos. Sendo assim, nossa intenção é discutir a cultura narcísica atual e os movimentos que acontecem em nossa sociedade, e, a partir disso, falar sobre o narcisismo parental contemporâneo. Isto nos convoca a pensar o lugar dos filhos em nossa cultura e até que ponto esta relação (narcísica) pode ser benéfica ou causar algum tipo de dano para a vida psíquica da criança.

A importância do presente estudo se dá pelo fato do mesmo abordar uma temática bastante atual e cada vez mais demandada na clínica infantil, já que muitas vezes os pais não sabem como proceder quanto à educação dos filhos. Compreender o narcisismo parental contemporâneo, faz com que tenhamos um maior entendimento de questões como a relação entre pais e filhos e suas dificuldades na imposição e aceitação de leis e regras, tanto naturais como culturais.

O desejo narcísico dos pais ao conceberem um filho, influencia diretamente na constituição deste novo sujeito. Além disso, a cultura atual, é claro, também tem sua parcela de influência nesta relação. No momento em que, o que realmente importa é o sucesso absoluto, as crianças são cada vez mais colocadas em pedestais. Sendo tratadas como se fossem capazes de realizar todos os desejos que não foram realizados por seus pais.

Freud (1914/2010) afirma que os pais desejam que seus filhos não tenham que cumprir as leis da natureza e da sociedade, que foram limitadoras de seu próprio narcisismo, com isso, a criança deve realizar todos os sonhos que não foram realizados por seus pais. Condizente com isso, Magalhães (2004) acredita que os pais criam o espaço designado aos filhos a partir de sua própria estrutura narcísica. No entanto, a questão não é apenas criticar a sociedade atual, buscando trazer também, o narcisismo como um aspecto fundamental da constituição dos sujeitos. Apesar de Freud (1914/2010) abordar o narcisismo com o significado de uma perversão, também traz a ideia de um complemento libidinal do egoísmo, da pulsão de autoconservação, onde cada ser vivo deve ter sua porção, ou seja, o narcisismo faz parte da constituição do sujeito.

No entanto, nossa cultura atual exige cada vez mais que nossas crianças sejam livres de qualquer tipo de sofrimento, fazendo, muitas vezes, com que as leis da cultura realmente sejam deixadas de lado, ou até mesmo com que cada um queira criar suas próprias leis. O entendimento de Monti (2008) é de que atualmente, a não existência das leis da natureza e da civilização, um desejo tão cobiçado pelos pais, esteja realmente sendo realizado. O referido autor afirma que na sociedade contemporânea, gozo e prazer parecem estar ao alcance da mão. Kegler (2006) afirma que vivemos em uma sociedade autônoma, onde não existem mais regras e comportamentos pré-estabelecidos à serem seguidos, as decisões são tomadas individualmente, seguindo valores próprios e não de acordo com um valor compartilhado socialmente.

Para isso, a metodologia utilizada neste artigo se baseou nos preceitos da pesquisa psicanalítica. Que segundo Iribarry (2003) este tipo de pesquisa tem que ser tomada do ponto de vista do significante em oposição ao signo e, por tratar do inconsciente, torna-se impossível a exigência de uma sistematização completa e exclusiva. O referido autor ressalta ainda, que o pesquisador psicanalítico é o primeiro sujeito de sua pesquisa, o que significa dizer que ele desempenha um importante papel como participante de sua investigação. Sendo assim, o objetivo é problematizar os aspectos do campo psicanalítico, buscando sempre uma contribuição que não esteja simplesmente limitada na confirmação de uma teoria.

Partindo do conceito de narcisismo, analisando o laço entre pais e filhos e como isso se manifesta na contemporaneidade, delineia o principal objetivo deste escrito. Analisar o narcisismo parental na contemporaneidade é uma questão crucial na medida em que nos oferece possibilidades para compreender estes lugares (parentais) em nossa cultura, como também, suas perspectivas e desafios futuros.

Para introduzir ao narcisismo

Para compreender os aspectos do narcisismo parental na contemporaneidade, é fundamental que, em um primeiro momento, o conceito psicanalítico de narcisismo seja explorado a partir de Freud, passando pela visão de diversos autores. Por se tratar de um termo bastante amplo, se torna necessário um foco que seja relacionado com a temática que será abordada no presente estudo. É importante ainda pontuar a existência de um

fator constituinte existente no narcisismo, não contemplando apenas sua dimensão patológica, mas, sobretudo, constitutiva da subjetividade dos sujeitos e de nossa cultura.

Poulichet (1997) afirma que a primeira vez que o termo narcisismo foi utilizado na psiquiatria foi com Paul Näcke, em 1899, definindo o termo como um estado de amor por si mesmo, constituindo uma nova categoria de perversão. Freud também se utiliza da teoria do mesmo autor para definir o narcisismo, fazendo a leitura do termo da seguinte forma: “a conduta em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual, isto é, olha-o, toca nele e o acaricia com prazer sexual, até atingir plena satisfação mediante esses atos” (1914, p. 14). O que chama atenção neste trecho descrito por Freud é a busca pela satisfação plena, um fator bastante importante no que diz respeito às características da sociedade atual. Esta busca incessante, faz com que nossas crianças sejam vistas como os principais personagens que poderiam, com o mínimo de sofrimento, alcançar tal estágio.

Ainda no que diz respeito ao conceito de narcisismo, Freud distingue dois narcisismos, o primário e o secundário. Poulichet (1997) faz a seguinte leitura da teoria freudiana: a autora afirma que o eu se desenvolve de maneira progressiva e que a primeira maneira de satisfação da libido (energia sexual que parte do corpo e investe os objetos) seria o autoerotismo, ou seja, as pulsões sexuais buscam satisfação no próprio corpo, eis o narcisismo primário. Já no narcisismo secundário, é necessária a produção do retorno dos investimentos dos objetos, transformados em investimento do eu. Freud (1914/2010) afirma então, a existência de um originário investimento libidinal do Eu, onde algo será cedido posteriormente aos objetos. Além disso, durante sua concepção, a criança é influenciada diretamente pelo narcisismo dos próprios pais. Para Poulichet (1997) o narcisismo primário traz consigo, a onipotência criada no encontro entre o narcisismo nascente do bebê e o narcisismo renascente dos pais. No contexto social vivido atualmente, acreditamos que a sociedade, influenciada pelo capitalismo e o individualismo vem se tornando cada vez mais um lugar de “narcisistas primários”. Onde o que interessa é apenas a satisfação individual, havendo assim o esquecimento de que vivemos em sociedade. Estes fatores acabam sendo reforçados pelos adultos, em meios onde as crianças transitam e são influenciadas.

Para resumir um pouco o termo narcisismo, se é que isso é possível, me utilizo dos escritos de Calligaris (1996b), onde o autor acredita que a constituição dos sujeitos se dá por duas vias, de um lado a identificação com as questões culturais, de outro o esforço para satisfazer aos outros (primeiramente aos pais) com sua imagem. Esse

esforço, segundo o autor é (resumidamente, para a psicanálise) o narcisismo, mais diferente e incômodo do que simplesmente se apaixonar pelo próprio rosto. Sendo assim, o papel dos pais para inscrever esse novo sujeito na cultura é fundamental. Mas o que a cultura contemporânea espera destes pais? E como os pais lidam com essas exigências? A imposição do que é ser um bom pai ou uma boa mãe faz com que o saber dos pais (transmitido de geração para geração) perca espaço para o saber científico, que traz consigo a promessa de sucesso e felicidade na criação dos filhos.

Narcisismo parental e a sociedade contemporânea

Pensar o narcisismo parental na contemporaneidade nos remete ao que foi citado anteriormente neste escrito. A busca pela plena satisfação descrita por Freud em sua leitura sobre o conceito de narcisismo, nos remete à uma temática bastante atual nos encontros entre narcisismo e cultura, onde a sociedade acredita ser possível chegar a um estágio de felicidade e satisfação constantes. Freud (1930/2010) em seu escrito intitulado “O mal-estar na civilização”, traz o princípio do prazer como a finalidade da vida. Acredita ainda que a felicidade só é possível de forma passageira, demonstrando que a possibilidade de sofrimento é maior do que a possibilidade de felicidade. Nesta obra o autor traz três lados do sofrer: do próprio corpo (fadado ao declínio); do mundo externo (que nos ameaça constantemente) e das relações com outros seres humanos (talvez o mais doloroso de todos). Pois bem, Freud (1912/2010) em “Totem e tabú” deixa clara a necessidade da existência da lei para que se possa viver em sociedade. Isso faz com que tenhamos de renunciar a várias fontes de prazer. Entender a necessidade desta renúncia é o que parece estar em falta no momento atual que estamos vivendo. Parece impossível admitir que o sofrimento é algo que faz parte da vida e que este se sobrepõe aos momentos de felicidade.

A relação narcísica existente entre pais e filhos na sociedade contemporânea, demonstra nitidamente esta busca pela felicidade impossível. Será que, para isso, estamos deixando de lado a existência de leis e regras, tão fundamentais para a convivência em sociedade? Freud (1914/2010) em “Introdução ao narcisismo” traz a ideia de que os pais desejam que seus filhos não necessitem cumprir as leis da natureza e da sociedade, leis que limitaram e limitam o narcisismo dos próprios pais. A criança deve realizar os sonhos que não foram realizados pelos pais, ser um grande homem ou herói no lugar do pai. Esta expectativa pelo filho perfeito, que irá realizar todos os desejos que não foram realizados pelos pais, aparece como um sintoma bastante atual,

onde as crianças são tratadas como verdadeiros reis ou rainhas. Para Jerusalinsky (1999a) os pais desejam que seus filhos alcancem o prazer, a realização e a felicidade que eles não conseguiram alcançar. Tendo assim, a esperança de que seus filhos constituam uma exceção. Ainda no que diz respeito a essa temática, Calligaris (1996a) pontua que, onde a vida coincide com a sobrevivência individual e a morte representa o fim, as crianças representam uma promessa de imortalidade, trazendo também um certo consolo. Ou seja, as crianças estariam livres até mesmo desta lei natural e comum à todos os seres humanos.

Monti (2008) acredita que no mundo atual, é possível que as leis da natureza e da civilização, que os pais tanto desejavam que não existissem para seus filhos, estejam realmente deixando de existir. Gozo e prazer parecem estar ao alcance da mão. Condizente com isso, Meira (2003) nos aponta que o narcisismo parental é extremo nos tempos modernos e que, na busca por uma perfeição cada vez maior, as crianças são hiperestimuladas desde bebês. Recebem brinquedos em excesso, que trazem consigo o ideal de que “nada venha a lhes faltar”. Todos estes fatores podem ser relacionados com a infância dos próprios pais, onde o filho aparece para satisfazer algo que ficou para trás. Calligaris (1996a) afirma que proteger, cuidar e satisfazer as crianças se deve ao fato de enxergarmos as mesmas como uma foto de nossa infância onde queremos ser felizes. Assim, a criança é vista como um caminho para a felicidade plena, que conforme analisado até então, é algo impossível de ser realizado. Para isso, Calligaris traz a ideia de que:

A criança é a caricatura da felicidade impossível: vestida de feliz, isenta das fadigas do sexo e do trabalho, idealmente despreocupada. Em sua versão tecnológica, é a UTI da satisfação: mamadeira na boca, controle de tevê na mão e *video game* (1996a, p. 216).

As consequências disso tudo podem ser constatadas na maneira como as crianças passaram a tratar seus pais, acontecendo até mesmo uma inversão de papéis, onde quem realmente dita às regras são as crianças. Para Monti (2008) nossa cultura atual pressiona os pais desde antes do nascimento, ou mesmo antes da concepção. Cultura que, cada vez mais traz consigo um culto à infância, com uma extrema valorização da vida infantil. O referido autor, utilizando-se da reflexão freudiana se pergunta se as crianças de hoje se tornaram realmente “sua majestade, a criança”. Trazendo exemplos de suas práticas, ele cita crianças que tratam seus pais de maneira tirânica e que exercem um poder quase sádico sobre seus pasmados pais. Dentro desta mesma ideia Calligaris (1996a) afirma

que não seria estranho se as crianças se tornassem tão assassinas e cruéis quanto nós. Pois os adultos, para serem felizes mantêm de suas infâncias, justamente a isenção de alguns obstáculos que os fazem tão pouco amáveis aos seus próprio olhos, como: o dever e a dívida com as gerações anteriores, a hesitação do juízo moral e o rigor da lei. Com isso, o referido autor afirma que estamos desejando que as crianças se tornem “anões de férias sem lei”.

Nossa cultura cada vez mais narcisista influencia diretamente na constituição da subjetividade e conseqüentemente na maneira de lidar com as exigências do dia-a-dia. Entre estas exigências está a necessidade de saber lidar com as frustrações, o que dificilmente acontecerá se acreditarmos, que para viver temos que estar sempre em um estado de felicidade absoluta. Brum (2011) acredita que no momento que a sociedade assume a crença de que a felicidade é um direito, esta se torna despreparada. Pois não sabe lidar com frustrações e despreza o esforço, ou seja, não aprende a criar a partir da dor.

Criar, é o que parece estar em falta na contemporaneidade, todas as coisas já parecem estar prontas. Os brinquedos são um bom exemplo disso, cada vez mais não se tem espaço para que surja a criatividade. Jerusalinsky (2003) afirma que cada vez mais as crianças recebem brinquedos prontos, o que acaba por embotar a criatividade das mesmas. Além disso, a precipitação do objeto, busca poupar a criança da responsabilidade de sua escolha (“poupança do pensamento”), colocando a mesma numa posição de absoluta ignorância. O referido autor relaciona tal cenário com a busca desesperada por um manual que ensine os pais a criarem seus filhos, embotando também a criatividade dos pais perante o cuidado dos filhos:

A impregnação dessa proposta de “poupança do pensamento” alcança tal ponto, no discurso social, que os pais que chegam com seu filho à consulta, mesmo que seja a um psicanalista, costuma perguntar: “Qual é o livro que o senhor recomenda lermos para poder ajudá-lo?”. E, certamente, tal demanda não aponta para serem orientados na travessia de uma experiência literária – o que pode ser de grande interesse numa “cura” psicanalítica -, mas ao fornecimento do popular “manual de instruções”, desta vez para o manejo adequado do artefato chamado “filho” (p.39).

A busca por uma resposta

É fundamental abordar a temática da busca desesperada por respostas sobre uma maneira “correta” de criar os filhos. Está se tornando cada vez mais corriqueiro, vemos pais que buscam profissionais com a esperança que estes tenham respostas prontas e precisas do que é melhor para seus filhos. Ficando claro o sentimento de incapacidade destes pais perante a educação de seus filhos. Como forma de exemplificar isso, Rosa (2001) traz a dificuldade dos pais frente à seus filhos, pois os mesmos não sabem o que fazer para colocar limites nas crianças e nos jovens. A referida autora cita ainda, a desconfiança dos pais para consigo mesmos, quanto às suas capacidades de educar os filhos. Com isso, ocorre o aumento da busca por especialistas que possam auxiliar neste contexto.

As exigências sociais que definem o que é ser um bom pai, também estão diretamente relacionadas com a busca por profissionais especializados. Muitas vezes estes profissionais são colocados na posição de mestres que possuem as respostas para tal demanda. Corso (1993) acredita que os pais estão atrás de sua própria perfeição na criação dos filhos, buscando uma teoria que os faça evitar os erros ocorridos nas gerações anteriores. Para a autora “a novidade não está em exigir a perfeição dos filhos, mas no fato de que esta seja resultante da perfeição enquanto pais” (p. 178). A ausência de opinião dos pais frente aos filhos (“pagar para não se incomodar”), buscando muitas vezes respostas com os psicanalistas está se tornando bastante comum, a este movimento a referida autora dá o nome de “parentalidade envergonhada”. A busca por um “manual”, que possa ensinar os pais a criarem seus filhos, traz a ideia de um pai imaginário, ou seja, um pai perfeito. Porém, Rosa (2001) afirma que “diferente do pai imaginário é a função simbólica do pai, que liga o sujeito ao desejo e à Lei (p.130)”. E que ao recorrerem à profissionais que os digam o que fazer, os pais estão tirando de si o comprometimento com a educação dos filhos.

O medo de errar, como se isso fosse apenas um aspecto ruim, faz com que os pais depositem nos especialistas a função de educar e até mesmo de criar seus filhos. Se equivococar não faz mais parte do vocabulário nos dias de hoje, temos que ser perfeitos desde sempre, embotando assim, nossa capacidade de criar a partir do erro. A “parentalidade envergonhada” descrita por Corso elucida muito bem isso, o pai deve ser perfeito, sem falhas, e nunca errar no que diz respeito à criação do filho. Ficando evidente a semelhança de como os pais querem que seus filhos sejam: perfeitos e sem falhas.

Jerusalinsky (1999b) acredita que a demanda social quer que a criança esteja adequada ao que a sociedade precisa. Ao se deparar com esse dilema a mãe sabe, de maneira inconsciente, que transmitir esta demanda social cegamente a deixa fadada ao fracasso. Mas, realizar os desejos da criança de maneira absoluta e infinita colocaria a mesma em uma posição impossível de ser sustentada diante da demanda social. Esse dilema enfrentado pela mãe e impossível de ser resolvido através de um manual, faz parte do relacionamento entre ela e a criança. Saber em que “medida” a criança precisa se adequar à demanda social e, em que “medida” seus desejos devem ser ou não realizados, é o que muitos pais esperam ao buscarem ajuda de um saber científico e absoluto. Medir algo que não pode ser medido, é o que causa essa extrema angústia, em um mundo onde tudo deve ser mensurado e respondido com precisão, algo impossível de ser feito com a vida humana.

Além disso, ao buscarem respostas prontas sobre o que está acontecendo com seus filhos, os pais esquecem que muitas vezes, a resposta está neles mesmos. Este esquecimento, que acontece de maneira inconsciente, pode estar relacionado com a ideia de Rosa (2001), que além de afirmar que na chamada pós-modernidade ocorre a substituição do significante pai por outros saberes. Acredita ainda na existência de componentes morais (culpa, frustração e dívida) não trabalhados nos pais, que alteram suas relações discursivas com os filhos. O que faz com que os pais evitem falar de sua história, com a ideia de poupar os filhos daquilo que lhes foi transmitido. Kamers (2013) aponta que ao não reconhecerem o mal-estar da criança como resultado de sua própria convivência familiar, os pais ficam impedidos de produzir algum saber sobre a mesma, pois não conseguem enxergar sua própria imagem refletida nela. Isso faz com que o filho se apresente para os pais como um “estranho”. A referida autora se utiliza do texto de Freud de 1919, intitulado “O Estranho” para afirmar que o estranho é algo familiar que foi reprimido. Dessa forma, o mal-estar provocado pela criança está diretamente relacionado com o desejo dos adultos. No entanto, ao não reconhecerem a desorganização dos filhos como resultado de sua própria renúncia educativa, os pais recorrem ao que a autora nomeia como “Outro-especialista” ou Outro Ciência, que tem sua representação na figura de médicos, psicólogos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas e psicopedagogos. Buscando um saber sobre o que está acontecendo com seus filhos.

Kamers (2013) acredita ainda, que a autoridade paterna vem sendo cada vez mais substituída por peritos sociais, onde o saber social e institucional se sobrepõe ao parental. É essa busca por respostas, que acaba por colocar os pais em um papel

secundário na educação de seus próprios filhos. O que importa é a perfeição dos mesmos diante do estereótipo criado socialmente, onde o sofrimento não tem vez e o ideal é que se goze plenamente. Para isso, Melman (1999) traz o pai dos dias atuais como uma figura bastante ridícula, que segue o discurso científico na educação dos filhos, onde o que é prometido é o gozo pleno.

A importância da lei simbólica

Impossível para a psicanálise falar de educação sem falar em castração, este termo criado por Freud para explicar sua teorização quanto ao Complexo de Édipo, demonstra a importância do corte na relação de onipotência entre os pais (mais especificamente a mãe) e a criança. Freud (1933/2010) em seu texto intitulado “A feminilidade” afirma que o desejo original da menina de possuir o falo é substituído mediante ao desejo de ter um filho, tornando-se este, um equivalente simbólico para o pênis. “Apenas a relação com o filho produz satisfação ilimitada na mãe; é a mais perfeita, mais livre de ambivalência de todas as relações humanas (p.291)”. Para Jerusalinsky (1999b) o pai deve entrar na relação entre a mãe e o filho, para alterar o sujeito de maneira arbitrária e radical, demonstrando que existe algo para além do paraíso materno. Esta seria uma maneira da mãe educar o filho, apesar de querer fazer dele o seu falo. Condizente com isso, Nasio (1997) pontua que a mãe coloca o filho no lugar de falo imaginário, que para preencher o desejo materno identifica-se com tal lugar. Sendo assim, o ato castrador não deve incidir apenas na criança e sim no vínculo mãe-filho. O agente que deve operar este corte é em geral o pai, que surge como representante da lei da proibição do incesto. A palavra paterna deve, portanto, “castrar o Outro materno de ter o falo e castrar a criança de ser o falo (p.42)”. A busca pelo gozo pleno, é isso que a mãe busca para ela e seu filho, mas para que ambos consigam viver em sociedade é necessário o ato castrador, desempenhado através da linguagem.

Ao se deparar com um ideal vindo de fora, geralmente imposto pelos pais através da linguagem, a criança passa a ter contato com princípios éticos e culturais, fundamentais para que esta consiga viver em sociedade. Rosa (2001) afirma que é através da linguagem que o sujeito é retirado de seu refúgio narcísico, fazendo com que o mesmo defronte-se com a equivocação. Para Poulichet (1997) a criança sai do narcisismo primário quando se confronta com um ideal, com o qual tem que se comparar, ideal este, que lhe é imposto de fora. Para isso, a criança é submetida progressivamente às exigências do mundo, exigências impostas simbolicamente através

da linguagem. Agora o objetivo será fazer-se amar pelo outro, algo que só será possível através das exigências do ideal do eu. Ainda baseada em Freud, a autora conceitua o termo ideal de eu como sendo a transmissão de imperativos éticos e de representações culturais e sociais transmitidos primeiramente pelos pais. Freud (1914/2010) acredita com isso, que o desenvolvimento do eu, necessita do distanciamento do narcisismo primário, gerando um esforço intenso para reconquistá-lo. Afirma ainda, que o egoísmo nos protege contra o adoecimento, mas que em certo momento é preciso começar a amar o outro, para não adoecer. Sendo que é inevitável adoecer, pois em certos momentos, devido à frustração não é possível amar este outro. Acreditamos que esta passagem demonstra muito bem a importância de nos distanciarmos de nossos egoísmos, sendo que somente assim se torna possível o convívio com outros seres humanos. Insisto que o distanciamento do narcisismo primário e conseqüentemente de nosso egoísmo parecem precários na cultura atual, onde cada um parece poder criar suas próprias normas e leis.

Diante de todas estas questões, considero importante uma passagem de Freud (1914/2010), que pode ser relacionada com a cultura atual, onde não há espaço para o sofrimento e se busca a felicidade a qualquer custo:

O ideal do Eu deixou em condições difíceis a satisfação libidinal nos objetos, na medida em que seu censor rejeita parte deles como intolerável. Quando um tal ideal não se desenvolveu, a tendência sexual em questão aparece inalterada na personalidade, como perversão. Ser novamente o próprio ideal, também no tocante às tendências sexuais, tal como na infância – eis o que as pessoas desejam obter, como sua felicidade (p. 48).

O simbolismo da linguagem, tão importante para o desenvolvimento do ideal de Eu nos faz pensar em como somos constituídos, de onde vem nossas próprias palavras e até mesmo nossas atitudes. Lebrun (2008) traz a ideia de que nossas próprias palavras vêm do Outro. O que pensamos ser nossa autonomia é muito relativa. Segundo o autor deviríamos falar em aut(r)onomia, colocando um fim à ideia de autofundação. “O humano é um aut(r)onomo, um autônomo a partir dos outros, a partir do Outro” (p. 26). Através desta reflexão de Lebrun pode-se pensar também no estranhamento dos pais frente a algumas atitudes de seus próprios filhos, já que estes se constituem primeiramente, através dos simbolismos impostos por eles mesmos.

No entanto, o desejo humano necessita da inscrição da falta para que possa existir, o dever nos torna através da linguagem, seres desejanter. É a falta que nos faz criar maneiras diferentes para a solução de problemas diários e nos distancia um pouco de sermos meramente iguais ao Outro. Sendo assim, o desejo humano só poderá existir a partir do exercício de um dever, ou seja, o desejo surge na medida em que nos constituímos como sujeitos culturais, convivendo com as limitações que este movimento requer (CALLIGARIS, 1999). Mortificar as crianças é o que muitos adultos acabam fazendo ao querer uma criança perfeita e completa, fazendo da criança um objeto para sua própria satisfação. Melman (1999) acredita que a criança necessita da castração, ou seja, da inscrição da falta para que o desejo possa surgir. Os pais ao idealizarem uma criança sem falhas, estão desejando que a criança esteja morta, pois esta criança ideal só pode existir assim.

O desejo por uma criança ideal faz com os pais imaginem sua figura mesmo antes de seu nascimento, imaginação esta que é fundamental para a constituição da mesma. Magalhães (2004) traz a metáfora de um útero imaginário, formado pela imaginação e representações simbólicas, existente em qualquer pessoa que conceba psiquicamente um filho. A autora afirma ainda que esta fantasia é anterior à gestação da criança, e é influenciada pelo desejo parental transmitido de geração para geração. Porém, esta idealização que tem como visão última uma criança perfeita e sem falhas, deve ser perdida ao longo da existência deste novo humano. Constituindo assim, um luto para os pais que esperavam uma criança livre de todos os males e proibições impostos pelo social.

Flesler (2012) acredita que apesar da sociedade atual pregar um discurso de maior liberdade, que também é positiva, não podemos deixar de lado a função do recalque, indispensável para a entrada na cultura. Podemos dizer então que, para a psicanálise, educação e castração são consideradas sinônimos, os dois termos significam um caminho possível para que se consiga um lugar na sociedade dos adultos. Porém, este processo de socialização é longo e incerto (CALLIGARIS, 1999). O referido autor demonstra ainda, uma visão crítica do que acontece na sociedade atual:

Não amamos mais nossas crianças por razões simbólicas, ou seja, porque isso faz parte de nossos deveres (não para com elas, mas para com os nossos pais, naturalmente). As amamos eventualmente por razões imaginárias, por que esperamos que gozem como nós nunca gozamos. E isso nos puxa a seduzi-las

com uma promessa que compromete o valor de nossa palavra educadora (p. 28).

CONCLUSÃO

A partir das reflexões contidas no presente escrito, concluimos que atualmente o culto à infância vem adquirindo características extremas. A promessa de um gozo pleno, cada vez mais faz parte do discurso social vigente, onde as crianças surgem como a esperança de concretizar tal demanda. As crianças recebem estímulos em excesso desde muito novas, com a expectativa que possam alcançar este ideal imposto socialmente. No entanto, ao criticar a sociedade atual corremos o risco de cairmos em um discurso nostálgico, como se a sociedade tradicional (e mais conservadora) fosse melhor, como uma espécie de ideal que tivéssemos um dia alcançado e perdido. Não se trata disso, enxergamos a cultura atual, também como uma cultura que permite invenções e criações, o que é um aspecto positivo. O que queremos dizer é que, apesar desta “maior liberdade” na cultura contemporânea, não podemos nos desfazer totalmente da necessidade de nossas leis e regras, ou então, não é porque aceitamos a cultura da qual fazemos parte que não possamos apontar para as questões de seu mal estar.

O afrouxamento de leis e regras, tão necessárias para que possamos viver em sociedade, aparece como um fator que busca possibilitar o alcance de um ideal de não sofrimento. Ideal este, que traz consigo a promessa de que nada venha a faltar para as crianças, gerando assim uma sociedade despreparada para lidar com frustrações. Esta promessa e o conseqüente despreparo, acaba por embotar a capacidade da criança de criar a partir da falta e da dor.

As exigências sociais impostas também para os pais, fazem com que os mesmos busquem ajuda em profissionais especializados. Os pais querem alcançar sua própria perfeição no que diz respeito à criação de seus filhos. Ser o melhor pai ou a melhor mãe, serem perfeitos, ideais, sem falhas. Ou seja, pais imaginários, que não existem e que assim, também não aprendem a criar a partir do erro. Delegar a criação do filho à um especialista faz com que estes pais tirem de si, a responsabilidade e o comprometimento com a educação dos filhos. Com isso, não reconhecem também que certas atitudes dos filhos dizem respeito à sua convivência familiar, estranhando assim, quando as coisas “fogem do controle”.

Como vimos, é impossível para a psicanálise falar de educação sem falar em castração. A importância da lei simbólica descrita neste artigo, demonstra como a

linguagem desempenha um papel fundamental na imposição de princípios éticos e culturais, fundamentais para que a criança possa conviver em sociedade. Submeter a criança as exigências do mundo, fazendo com que a mesma defronte-se com a equivocação é o que parece estar em falta na sociedade atual. Cada vez mais as crianças são capturadas pelo narcisismo dos próprios pais, que buscam tornar a criança, em última instância, um objeto para sua própria satisfação.

Cabe salientar aqui, alguns questionamentos que surgiram a partir do estudo desta temática, ficando assim algumas sugestões para trabalhos futuros. Pensar como a escola atual lida com esta cultura, tendo que se distanciar da sua visão tradicional seria uma reflexão bastante rica. Além disso, a medicalização extrema da infância poderia ser pensada a partir do viés de nossa cultura narcísica.

Por fim, acreditamos que a temática abordada neste trabalho é bastante atual, merecendo ser mais aprofundada através de outros estudos. Abordar a questão do narcisismo parental e, conseqüentemente, da educação das crianças, não teve como intenção trazer uma resposta pronta, muito pelo contrário, a intenção foi demonstrar que, educar não é uma tarefa fácil, nem linear, e muito menos mensurável, onde errar faz parte do processo; coisa que o nosso narcisismo cotidiano tenta, por muitas vezes, recalcar.

REFERÊNCIAS

Brum, Eliane. Meu filho você não merece nada. *Revista Época*, 9 ago. 2011. Disponível em:

<<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI247981-15230,00-MEU+FILHO+VOCE+NAO+MERECE+NADA.html>> Acesso em: 6 out. 2014.

CALLIGARIS, Contardo. “Essas crianças que amamos demais”. In: *Crônicas do individualismo cotidiano*. São Paulo : Editora Ática, 1996a, p. 215-221.

CALLIGARIS, Contardo. “Narcísico mundo novo”. In: *Crônicas do individualismo cotidiano*. São Paulo: Editora Ática, 1996b, p. 50-53.

CALLIGARIS, Contardo. “Três conselhos para a educação das crianças”. In CALLIGARIS, Contardo (org). *Educa-se uma criança?* Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999, p. 25-30.

CORSO, Diana L. “A parentalidade envergonhada”. In FLEIG, Mario (org). *Psicanálise e sintoma social*. São Leopoldo: Unisinos, 1993, p.169-182.

FLESLER, Alba. *A psicanálise de crianças e o lugar dos pais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

FREUD, Sigmund. “Totem e tabu” [1912-1913]. In: *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos [1912/1914]*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 13-244.

FREUD, Sigmund. “Introdução ao narcisismo” [1914]. In: *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos [1914/1916]*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 13-50.

FREUD, Sigmund. “O mal-estar na civilização [1930]”. In: *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos [1930/1936]*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 13-122.

FREUD, Sigmund. “A feminilidade” [1933]. In: *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos [1930/1936]*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 263-293.

Iribarry, Isac N. “O que é pesquisa psicanalítica?”, *Ágora*, n.1, v.6, jan/jun, 2003, p. 115-138.

JERUSALINSKY, Alfredo. “Apresentação”. In CALLIGARIS, Contardo (org). *Educa-se uma criança?* Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999a.

JERUSALINSKY, Alfredo. “Apesar de você, amanhã há de ser outro dia”. In CALLIGARIS, Contardo (org). *Educa-se uma criança?* Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999b, p. 13-23.

JERUSALINSKY, Alfredo. “As crianças do “ready made” ”. In MEIRA, Ana M (org). *Coleção Psicanálise da Criança: Coisa de Criança*. Salvador: Ágalma, 2003, p. 37-54.

KAMERS, Michele. “O que se espera de uma criança hoje? Crise da autoridade, renúncia educativa e medicalização na infância”, *Associação Psicanalítica de Curitiba*, Curitiba, n. 26, junho, 2013, p. 87-108.

Kegler, Paula. *As patologias do narcisismo e a clínica psicanalítica: novas configurações subjetivas na contemporaneidade*. Santa Maria, UFSM, 2006. Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentada à Coordenação de Graduação em Psicologia.

LEBRUN, Jean P. *O futuro do ódio*. Porto Alegre: CMC, 2008.

MAGALHÃES, Maria C. R. ”Nacisismo primário e o desejo”, *Revista de Psicanálise*, n.17, v.178, junho, 2004, p.52-61.

MEIRA, Ana M. “Pequenos brinquedos, jogos sem fim – os sintomas no brincar da criança contemporânea”. In MEIRA, Ana M (org). *Coleção Psicanálise da Criança: Coisa de Criança*. Salvador: Ágalma, 2003, p. 41-54.

MELMAN, Charles. “Sobre a educação das crianças”. In CALLIGARIS, Contardo (org). *Educa-se uma criança?* Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999, p. 31-40.

MONTI, Mario. “Contrato narcisista e clínica do vazio”, *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, n.11, v. 2, junho, 2008, p.239-253.

NASIO, Juan D. “O conceito de falo”. In NASIO, Juan D. (org). *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 35-48.

POULICHET, Silve L. “O conceito de narcisismo”. In NASIO, Juan D. (org). *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 49-82.

ROSA, Miriam. “O não-dito familiar e transmissão da história”, *Psychê*, São Paulo, n. 5, v. 8, julho-dez, 2001, p.123-137.